

Representações sociais de professores sobre o adolescente problema

Tania Maria José Aiello Vaisberg¹ e Christiane Isabelle Couve de Murville Camps²

Resumo

Tendo como objetivo fundamental a atenção psicoprofilática ao adolescente da rede pública de ensino, esta pesquisa-intervenção psicanalítica focaliza as representações sociais de professores sobre o adolescente-problema, a partir do procedimento desenho-estória com tema, analisados de acordo com a Teoria Psicanalítica dos Campos. Um *corpus* composto por vinte e nove produções permitiu discriminar a presença de dois campos ou inconscientes relativos: “constituci-

Abstract

Aiming mainly at the psychoprophylactic care the public school system offers teenagers, this research, undertaken as a psychoanalytic intervention, focuses at the social representations teachers draw with regard to problem teenagers, adopting the technique of drawing a story related to a certain theme, analysed according to the psychoanalytical fields theory. A corpus made up by 29 productions allowed us to distinguish the presence of two fields

¹Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

²Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

onalidade” e “problemas da vida”. Em sessão devolutiva foi possível realizar trabalho de elaboração reflexiva que incidiu diretamente sobre as relações estabelecidas entre professores e adolescentes no ambiente escolar.

or unconscious relatives: “constitutionality” and “existential problems”. In a devolutive session a reflective elaboration was made which incised directly into the relationships established between teachers and teenagers at school.

Palavras-chave: representações Sociais; adolescentes; professores; escola.

Keywords: social representations, teenagers, teachers, school.

O presente estudo se insere no contexto de uma linha de trabalho clínico-social conhecida na Universidade de São Paulo como pesquisa intervenção psicanalítica de representações sociais, fundada no comprometimento com a transformação das práticas sociais relativas ao paciente psiquiátrico e outros excluídos sociais (TOFOLO, 1994), tem se mostrado útil, tanto do ponto de vista psicoprofilático quanto no atendimento a situações críticas. Considera-se, à luz das importantes colocações de Jodelet (1989), no sentido de que a expansão e espraiamento das perspectivas moscovicianas e jodeletinas pelo campo das ciências humanas, num movimento transdisciplinar inegavelmente fecundo, que a articulação entre psicanálise e teoria das representações sociais é não apenas possível, mas igualmente desejável, principalmente quando nos engajamos em pesquisa-intervenção.

No campo da psicologia clínica e social da exclusão, os estudos mostram a necessidade de ultrapassagem de uma articulação meramente sociocognitiva (JODELET, 1989; 1996), em busca das dimensões afetivo-emocionais do imaginário coletivo. Neste sentido, o estudo psicanalítico das representações sociais adota uma perspectiva de análise específica que busca o campo ou o inconsciente relativo representacional (HERRMANN 1979), ou seja, os determinantes lógico-emocionais segundo os quais se estruturam as representações.

A psicanálise tem se mostrado um caminho frutífero na abordagem clínica rigorosa dos fenômenos sociais quando se tem como meta a identificação e a transformação representacional (VAISBERG, 1995, 1997, 1999). O método psicanalítico, que tem, como sabemos, caráter fundamentalmente hermenêutico, fundando-se no pressuposto de que todas as condutas, por

mais bizarras que sejam, pertencem ao acontecer humano, vale dizer, são compreensíveis, podem concretizar-se através do recurso a diferentes procedimentos, dentre os quais ressaltamos, por sua versatilidade e fecundidade, certos procedimentos mediadores que se inspiram nos chamados instrumentos projetivos. Este tipo de trabalho se caracteriza pela apresentação de uma mediação de caráter lúdico que torna possível a expressão subjetiva.

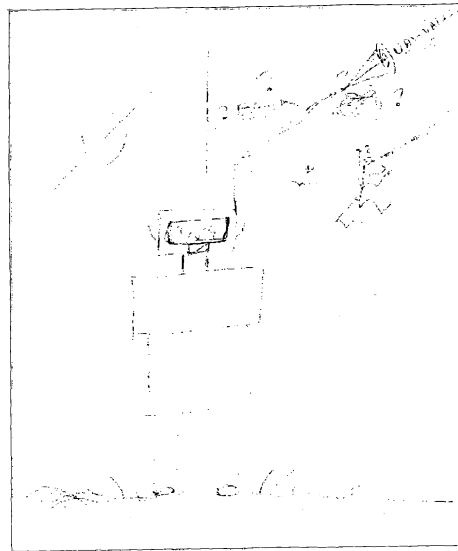
Originalmente pensados a partir da noção freudiana de projeção, estes procedimentos têm sido repensados como mediações, à luz das contribuições winnicottianas sobre a transicionalidade (DOUVILLE, 1989). Inspirados no Jogo dos Rabiscos de Winnicott (1968), podem ser entendidos como formas sofisticadas de brincar num campo intersubjetivo capaz de receber as manifestações de sujeitos individuais ou coletivos. Desta forma, buscamos apreender o imaginário coletivo entendido como um sistema de representações (GIUST-DESPRAIRIES, 1998) cujos determinantes inconscientes devemos identificar. É, portanto, importante frisar que estas mediações lúdicas podem ser usadas na pesquisa social exatamente porque entendemos, a partir da Teoria Psicanalítica dos Campos, que o método psicanalítico tem uma vocação muito maior do que o seu uso mais conhecido, que é a clínica individual.

No momento, interessamo-nos psicoprofilaticamente pelo adolescente da rede pública de ensino, concebendo este trabalho como parte de um conjunto de intervenções institucionais que envolvem diferentes instâncias sócio-dinâmicas e focalizando as representações sociais de professores sobre o adolescente-problema. Fazendo uso dos desenhos-estórias com tema, tal como vem sendo empregado no estudo de subjetividades coletivas (VAISBERG, 1997), solicitamos a um grupo de professores, que trabalham cotidianamente com alunos adolescentes, que desenhassem um adolescente problema e que, a seguir, inventassem uma estória sobre o próprio desenho. Obtivemos vinte e nove produções que analisamos de acordo com os passos metodológicos preconizados pela Teoria Psicanalítica dos Campos, o que veio a revelar a presença de dois inconscientes relativos: “constitucionalidade” e “problemas da vida”.

As produções estruturadas segundo o campo da constitucionalidade apresentam formas bizarras ou muito simplificadas, sugerindo um distanciamento do mundo humano. Os textos correspondentes não trazem estórias, como solicitado, na medida em que o tema é abordado através de teorizações acerca da adolescência, compreendida, em termos mais

gerais, superficiais e abstratos, como fase problemática. Não aparecem alusões ao contexto ou história de vida, de modo que o comportamento inadequado é atribuído a características ou tendências inatas. Neste tipo de representação não é incomum a projeção de uma certa maldade na figura do adolescente sem qualquer conexão com acontecimentos da vida cotidiana. Assim, tem-se a clara impressão de que o inconsciente relativo da constitucionalidade desliza facilmente para o campo da paranóia.

Desenhos-estórias do campo da “constitucionalidade”



Jovens estão perdidos?
Jovens se encontraram?
Onde?
No vídeo, TV, computador ou nas drogas, sexo, violência ou nada disso. Acho que estão fixos no solo ou estão só ali.

Os desenhos que se configuram a partir dos problemas da vida apresentam adolescentes humanos inseridos num contexto de relações humanas, com problemas familiares e pais com dificuldades pessoais. Existe, portanto, um histórico de vida que explica o comportamento inadequado do adolescente. Em algumas destas estórias, os professores fazem parte do drama vivido e buscam respostas para as dificuldades encontradas em sala de aula no contato com os jovens. Um exemplo interessante é encontrado em um desenho estória que retrata como o professor chega a temer por sua integridade física, sentindo-se invadido em sala de aula.

Desenho-estória

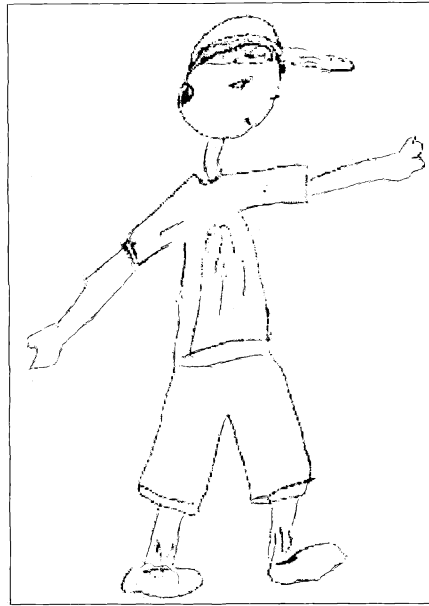


Ele é um incógnito
Cheio de respostas e soluções

De acordo com as produções estruturadas segundo o campo dos “problemas da vida, as condições de trabalho na escola pública são dramáticas, e levam o professor a questionar seu papel profissional”. Aparentemente, não existe autoridade e o professor não consegue realizar o seu trabalho neste ambiente hostil. Estas estórias trazem um professor vulnerável, humano, inserido num problema também humano que nos implica a todos. Há, inclusive, produções em que o professor se coloca no lugar do adolescente-problema convidando-nos a uma aproximação. Entramos, portanto, num campo muito humano da vida, do dia a dia, onde a questão do adolescente é entendida como fazendo parte de um contexto sócio-econômico mais amplo, o que exige do leitor uma visão menos objetivante e reducionista do fenômeno abordado.

O material, obtido nesta pesquisa-intervenção, permitiu a realização de uma sessão devolutiva na qual os professores puderam entrar em contato com estas representações, bem como com os campos inconscientes a partir dos quais elas se estruturam, do ponto de vista lógico-emocional. Neste encontro, foi possível abordar os medos, as angústias e fantasias que permeiam a relação dos professores com os adolescentes considerados problema. Conforme demonstrou Joffe (1994, 1996), autora que se tem destacado pelos estudos sobre representações sociais da Aids, numa interlocução produtiva com a psicanálise inglesa, as representações sociais podem ser compreendidas à luz de vestígios de fantasias primitivas ilustrando bem esta articulação possível entre a psicanálise e a teoria das representações sociais. De acordo com esta autora, existe uma verdadeira ponte entre os fenômenos psicodinâmicos e sócio-históricos nos processos de pensamento de pessoas que são confrontadas com fenômenos impactantes e ameaçadores como a Aids e a loucura.

Desenho-estória do campo “problemas da vida”



Eu me acho normal, mas outros me consideram 'problema'. Eu adoro um som, rock pesado, mas outros o chamam 'pauleira'. Eu curto uma bermuda bem grande, cobrindo o joelho, camisa de time, tênis de marca, mas os outros me consideram mendigo. Eu adoro a paisagem da rua, do sol, em cima da ponte ou até no farol, mas os outros me chamam de menino de rua. Eu não quero estudar, me sinto cansado, não sei se porque me pressionam de fato, mas os outros me acham indisciplinado. Eu quero viver sem pressão social, mas os outros me impõem um salário anormal. Eu sei que não dá e então eu quero gritar: Mãe! Socorro! Mas a minha mãe não está mais aqui. Então eu chuto uma bola sem fazer nenhum gol. Além da trave não

existe razão. Coloco os óculos escuros e ninguém vai me ver chorar. Aumento o som e não ouço ninguém mais falar. Experimente! Você vai gostar!

Adotando esta mesma perspectiva de investigação, foi possível observar que os tipos de representações sociais produzidas pelo grupo de professores pareciam revelar, ora uma tentativa de se proteger de um objeto entendido como perigoso e ameaçador, levando os professores a adotarem uma postura que poderíamos descrever como paranóide em relação ao fenômeno abordado, ora um sentimento de impotência e desamparo frente a uma situação presente no dia a dia de todos nós.

Esta intervenção clínica social não teve a pretensão de resolver o problema que é ser professor na rede pública de ensino no contexto atual, mas procurou ajudar a resgatar, em meio à população envolvida, a capacidade de pensar a questão apresentada de forma mais clara, crítica e livre de aspectos pessoais.

Considerando-se que, certamente, a questão do adolescente problema não pode ser resolvida individualmente, a sessão devolutiva favoreceu o compartilhamento de problemas e uma reflexão a respeito das relações estabelecidas entre professores e adolescentes no ambiente escolar. Ao invés das pessoas serem levadas pelo cotidiano massacrante, foi possível uma pausa para se pensar a situação vivida. Neste trabalho, pôde-se notar que, aparentemente, existe um questionamento a respeito da posição mais adequada a ser adotada pelo professor na sua relação com o adolescente. As conclusões indicam que, em função do contexto sócio-econômico e do momento histórico, as representações encontradas são elaboradas a partir de difíceis condições enfrentadas pelos professores em sua prática cotidiana.

Referências bibliográficas

DOUVILLE, O. La médiation projective: l'exemple du rorschach et du Tat. In: REVAULT D'ALLONES, C. *La démarche clinique en sciences humaines*. Paris: Dunod, 1999, p 120-134.

GIUST-DESPRAIRIES, F. Le groupe entre repli et création. *Revue Internationale de Psychosociologie*. Paris, v 4, n. 9, p 17-28, 1998.

HERRMANN, F. *Andaimos do real: uma revisão crítica do método da psicanálise*. São Paulo: EPU, 1979. 203p.

JODELET, D. *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989. 424p.

JODELET, D. Représentations sociales de la maladie mentale et insertion des malades mentaux. In: ABRIC, J.-C. *Exclusion sociale, insertion et prevention*. Saint Agne: Editions Erès, 1996, p. 97-112.

JOFFE, H. 'Eu não', 'O meu grupo não': representações sociais transculturais da Aids. In: JOVCHELOVITCH, S., GUARESCHI, P. *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 297-324.

JOFFE, H. The shock of the new: a psycho-dynamic extension of social representations theory. *Journal for the Theory of Social Behavior*. Oxford: s/ed., v. 26, n.2, p.197-220, 1996.

TOFOLO, T. M. J. A. Representações sociais de portadores de deficiências. *Boletim de Psicologia*. São Paulo: s/ed., v. XLIV, n.100/101, p.55-60, 1994.

VAISBERG, T. M. J. A. O uso de procedimentos projetivos na pesquisa sobre representações sociais: projeção e transicionalidade. *Psicologia USP*. São Paulo, v. 6, n. 2, p.103-127, 1995.

VAISBERG, T. M. J. A. Investigação de representações sociais: projeção e transicionalidade. In: TRINCA, W. *Formas de investigação clínica em Psicologia*. São Paulo: Vetor, 1997, p. 103-127.

VAISBERG, T. M. J. A. *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. 1999. 197 f. Tese (Livre Docência). Universidade de São Paulo, São Paulo.

WINNICOTT, D. W. O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In: WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. 1975, p. 121-132.

WINNICOTT, D. W. O jogo do rabisco. In: WINNICOTT, C., SHEPERD, R., DAVIS, M. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 230-243.